

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

O HOMEM APROXIMA-SE DE NÓS. O Tucker não dá por nada, está distraído a tentar subir as barreiras de proteção contra as cheias. As barreiras são muito altas e de betão, e assim com o gelo é difícil subir. O homem pergunta, Lembras-te de mim? Eu não me lembro do homem, lembro-me apenas da mãe a dizer para não falar com estranhos, só isso. Mas o homem fala como se fosse família, e a mãe, onde é que ela está – ali, vejo-a no meio do parque, ela não está a olhar para nós –, e é então que me lembro das conversas que tivemos juntos e de que o homem é o amigo da mãe.

Tento subir as barreiras, sozinho não vou conseguir, estou sempre a escorregar. Porque é que o Theo não me ajuda? Ele está a puxar-me pelo braço, Deixa-me, o que foi?

Puxo o Tucker pelo braço, ele guerreia e sacode-me, a minha mão escorrega e estou a puxar o Tucker pelo quispó. A mãe diz que o Tucker é hiperativo, eu respondo-lhe que ele é teimoso – mas ele não vê o amigo da mãe?

Viro-me e está um homem à nossa frente.

Finalmente, o Tucker desiste e vira-se. O amigo da mãe agacha-se, bem próximo de mim e do Tucker.

O homem é alto, mas logo depois é da nossa altura. Talvez o homem nos ajude a chegar lá acima, aposto que ele consegue, sem ele estava a ser impossível e o Theo não queria ir chatear a mãe.

O Tucker não parece surpreendido, e até sorri e parece reconhecer o amigo da mãe e tudo.

Os cheiros são muito tímidos no inverno, e o inverno chegou cedo este ano, está tudo branco, o rio está gelado. Apesar do frio, consigo sentir o cheiro do homem, é um cheiro intenso, de adulto, faz lembrar o pai, eu gosto. Não sei quem ele é, mas o Theo parece saber, e se o Theo sabe, o melhor é eu fingir que também sei – por isso eu finjo e sorrio para o homem.

O amigo da mãe veste uma gabardina azul, muito nova. Por baixo, consigo ver um fato e uma gravata.

O homem diz, Olá, e o Theo é simpático e responde por mim, Olá. A mãe diz que eu devia comportar-me como o Theo, mas a mãe não conhece o Theo como eu conheço – por vezes, o Theo também consegue ser mau. Pergunto ao homem porque é que ele está vestido assim hoje.

O Tucker pergunta, Porque é que estás a usar um fato hoje, estiveste a trabalhar? E o homem responde que sim.

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

O homem responde que sim. Eu acho estranho, porque hoje é domingo, e olho para o Theo para ver se ele também acha estranho, mas pensando bem, A mãe também está sempre a trabalhar, mesmo aos domingos, não é, Theo?

A voz do Tucker é muito suave, ele ainda tem uma voz de criança. A minha voz está a começar a mudar, faz-me sentir esquisito, por isso evito falar, apesar de o amigo da mãe ser simpático e tudo, ele diz-me, Não tenhas vergonha. Felizmente, o Tucker tem sempre algo para dizer, e pergunta ao homem se quer ir ver o rio.

É domingo e a mãe trouxe-nos até ao parque para ver o gelo no East River, queres ver?

Na verdade, a mãe trouxe-nos até ao parque, do lado de Queens, para ver a confusão que o furacão deixou atrás de si. Passada uma semana trancados dentro de casa, o Tucker estava insuportável, foi o que a mãe disse.

Puxo o homem pela gravata, Vamos, anda ver!

O Tucker segura o amigo da mãe pela gravata e puxa-o para si, sem cuidado. O amigo da mãe quase cai em cima de nós, volta a equilibrar-se, passa uma mão pelos cabelos do Tucker enquanto pousa outra no meu ombro, e levanta-se.

O homem levanta-se e é de novo muito alto. Subimos até ao topo da barreira, com a ajuda dele não custa nada,

MORRER NA AMÉRICA

e depois, lá de cima, dá para ver a cidade toda, o gelo, as pontes. O rio é tão largo, é mais largo do que disseste, Theo, vê? Manhattan é uma cidade tão grande...

O Tucker quer decifrar a vista, todos aqueles prédios do lado de Manhattan. Não temos por hábito vir a este lado do rio, e o Tucker, eu acho que ele nem sequer conhece Queens.

Sentada no relvado, a mãe está a chamar pelo homem. Cuidado com a água, não os deixes cair – consigo escutá-la lá de longe, com aquela gargalhada que só a mãe consegue dar.

O Tucker e o amigo da mãe acenam de volta à mãe. O rio gelou com o frio, e o lixo da cidade e os troncos soltos de árvores acumulam-se nas margens ou estão encalhados nas placas de gelo. Depois do furacão, caiu um inverno feroz, foi inesperado, as gotas da chuva transformaram-se em pedras de gelo, eram sólidas, caíam pesadas sobre os carros, a mãe disse para nos afastarmos das janelas. Depois veio a neve. Doía pensar em todas aquelas pessoas sem aquecimento, e eu e a mãe falámos sobre isso um dia e descemos até Chinatown para ajudar, levávamos mantimentos. Mas a polícia não queria crianças a andar por ali, foi bastante frustrante para o Tucker, e acabámos por não ficar muito tempo.

Quero atirar pedras aos pedaços de gelo que descem o rio e ver o gelo derreter até as pedras serem engolidas.

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

Quero saltar por cima do rio e tocar a outra margem, onde os arranha-céus sobem. Quero ser a pedra que toca Manhattan deste lado. Olha, Theo, o sol está a aparecer por trás do cinzento, vê, não vai durar muito!

O Tucker dá um pulo de alegria, mesmo a tempo, mas o sol não aquece muito. Manhattan fica de repente mais focada. Os arranha-céus são como dentes afiados contra o céu, e as barreiras de proteção contra as cheias continuam até perder de vista, dão a volta toda à ilha de Manhattan, e deste lado, e em Brooklyn também. O Tucker tem razão, é uma cidade tão grande.

O homem está a mostrar-nos Manhattan! Ele aponta para o outro lado e sobe pela cidade com o dedo, rua 14... 28... 42...

O amigo da mãe aponta-nos as áreas que escaparam às cheias e aquelas que não escaparam. A nossa casa escapou. Mas outras mais perto do rio não tiveram a mesma sorte. Já aconteceu antes, diz ele. O Tucker pergunta-lhe quando.

Pergunto-lhe quando, e o homem até sabe quando e fala em datas antes de eu ou do Theo termos nascido. Theo, tu ainda nem tinhas nascido!

O Tucker está finalmente entretido. Não para de perguntar pelos nomes de cada prédio, todos os monumentos que ele conhece de trás para a frente, e alguns mais anónimos também.

O Theo também não os conhece a todos, mas responde que sim.

Quero ser adulto. Quero que o amigo da mãe olhe para mim e fale comigo como fala com os adultos. Quero falar como os adultos falam. Subitamente, o amigo da mãe parece frustrado.

Porque é que o homem parou? Pergunto-lhe. Porque é que paraste? Continua! Mas o homem não reage. Theo, o que foi?

O amigo da mãe está a apontar para aquele prédio alto, muito estreito, com os vidros cor de pérola e os lados de mármore branco. O prédio é perfeito e muito brilhante. Fica mesmo à beira de água, quase a cair no rio. As barreiras são mais altas perto do prédio. O Tucker está a ficar nervoso.

O homem diz que se chama as Nações Unidas.

O Tucker não sabe o que são as Nações Unidas. Consigo senti-lo a ficar mais tenso, irrequieto, mais aborrecido e exigente. O amigo da mãe conta-nos que trabalha ali. O Tucker já tem a cabeça noutra lugar, puxa-me com força para eu o largar.

Puxo o Theo pela mão, tento libertar-me, porque é que ele está a ouvir o homem? Deixa-me ir.

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

Mas eu quero escutar o amigo da mãe. Luto contra a raiva do Tucker, sou responsável por ele, mas não é preciso, o amigo da mãe sabe como cuidar dele, envolve-o nos braços e o Tucker acalma-se. O Tucker descansa a sua pequena cabeça nos braços do amigo da mãe e olha para longe, como se voltando a contar as ruas, sozinho. O Tucker está entretido outra vez, mas sei que nos está a escutar.

Não consigo imaginar uma tempestade como esta antes de mim e do Theo. Não foi isso que o homem disse? Não havia nada antes de mim, apenas o Theo, e ainda no outro dia estávamos em casa quando o Theo disse que nunca tinha visto uma tempestade como esta. Foi sempre assim? Assim este tempo, assim tão mau?

O amigo da mãe fala-nos de limites, e do limite das boas intenções. Depois, numa voz muito pesada, mas muito quente e reconfortante, ele conta-nos o que desejaria fazer, se o conseguisse. É muito simples. Eu entendo, e, naquele instante, sei o que eu e o Tucker, juntos, podemos fazer.

• • •

A mãe acorda todas as manhãs ao som da WNYC.¹ O rádio toca e, sonolenta, a casa enche-se com uma rotina de política e de notícias locais. Temos colunas

1. A WNYC é uma estação de rádio pública do estado de Nova Iorque.

MORRER NA AMÉRICA

de som nas paredes da casa toda, menos no nosso quarto, foi a mãe que mandou instalar o sistema, está ligado ao telefone dela. É melhor que o som do despertador, e em qualquer caso a mãe não me deixa dormir com o telemóvel, muito menos ao Tucker – é a mãe quem vem para nos acordar.

Quando o rádio toca, sabemos que a mãe acordou. Levantamo-nos antes dela. Eu e o Theo ficamos à escuta. Agora a mãe está a chamar-nos da cozinha, Theo, estás a ouvir?

A mãe está a chamar-nos da cozinha – é tempo suficiente para escondermos as coisas de que precisamos, mas digo ao Tucker para se despachar.

O Theo arruma a sua mochila com o material e veste o quispo. Apressa-me para que eu faça o mesmo, Rápido, antes que a mãe venha, diz ele. Eu rio baixinho.

O Tucker pateia o chão de tanta excitação, olha para mim indeciso, parece louco – conseguimos escutar os passos da mãe a aproximar-se no corredor –, talvez os planos sejam demais para ele, e, por um instante, diz, Para onde tenho de ir? A mãe não pode suspeitar de nada. Se o Tucker ficar calado, vai correr tudo bem. O quê?

O Roomba dá de encontrão nas pernas do Theo e, apanhado de surpresa, o Theo responde-lhe com um pontapé. O robô quase voa – o Theo está nervoso, dá

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

para ver. Corro atrás do Roomba e ajudo-o a sair do quarto. Deixo-o ir noutra direção, e o robô segue a aspirar pelo corredor. Cobrimos o robô com os nossos desenhos a marcador, desenhámos uma cara larga e feliz. A mãe não nos deixa ter um animal de estimação a sério, por isso o Roomba é o nosso animal...

O Roomba sai disparado do quarto e a mãe aparece no seu lugar, espreita com a cabeça para ver se já acordámos.

O Theo é mais rápido do que uma raposa. A mãe mal dá por nós!

Corremos juntos para a mesa da cozinha, o Tucker sobe pela cadeira com a mochila às costas e tudo. A mãe obriga-o a pousar a mochila no chão, distraidamente, enquanto prepara o pequeno-almoço. O Tucker pousa a mochila, sem cuidado, já meio esquecido do que está lá dentro: a mochila bate contra o chão e faz um som seco.

O Theo está furioso comigo. Digo-lhe, Theo, stás a corar! – com uma mão sobre a boca para a mãe não ver.

Felizmente a mãe não dá por nada.

Eu mergulho na taça de cereais, é melhor comer rápido.

O Tucker tem a boca cheia de cereais, o leite escorre-lhe pelo queixo.

Quando a mãe se volta para nós, encenamos uma luta pela revista dos *cartoons*. Passamos as páginas da revista à procura dos desenhos, estão espalhados pela revista toda, Theo, deixa ver! Mas os desenhos não fazem sentido com as histórias – por vezes a mãe lê-nos as histórias, por vezes insiste com o Theo para ele as ler.

A mãe tem por hábito deixar a *New Yorker* na mesa da cozinha, gosta de ler para si mesma ao som do rádio. Por vezes, percebo que as histórias que passam no rádio são as mesmas na revista. Outras, a mãe comenta as notícias connosco e tudo. É o que está a fazer agora, ao ver-nos passar as páginas.

A mãe faz muita coisa ao mesmo tempo, especialmente desde que o pai se foi embora.

No geral, devolvo-lhe um olhar vazio – quando a mãe comenta as notícias comigo, quando me pergunta o que é que eu penso.

O Theo diz que a mãe é obcecada com informação.

A mãe diz que devíamos prestar atenção às notícias, que já somos crescidos – mas eu tenho dez e o Tucker apenas oito.

A mãe mal consegue acreditar que já estamos prontos para sair!

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

Mas antes de sair, já a mãe está a abrir a porta e tudo, o Tucker apressa-se de volta à cozinha e, sem a mãe dar por isso, rasga um desenho do interior da New Yorker e trá-lo no bolso. Já na rua, o Tucker olha para mim e diz, em segredo, vai ficar bem colado na bomba.



É difícil preparar a bomba. Não é um problema técnico – é fácil encontrar instruções *online*, mostro-as ao Tucker.

O Theo diz, Não é difícil, vês? E eu olho para o telemóvel e tento compreender as instruções, mas por vezes penso que seria mais fácil perguntar os detalhes ao homem.

O problema é o pouco tempo que temos sozinhos, só eu e o Tucker. Felizmente, as coisas têm mudado, a mãe já não nos conduz à escola. A verdade é que a mãe não tem tempo. Tem sido difícil para a mãe sem o pai. O amigo da mãe sabia disso, quando se aproximou de nós, tenho a certeza.

A mãe não nos deixa ir de metro, diz que somos novos demais. Mas a mãe também quer deixar de usar o autocarro da escola, diz que temos de aprender a andar sozinhos. Mas depois a mãe não tem tempo para nos levar ela própria. Agora apanhamos um autocarro normal. A mãe diz, Desde que perguntem pelas paragens ao motorista, vai correr tudo bem.

MORRER NA AMÉRICA

A mãe diz para eu olhar pelo Tucker. Ela acha que o Tucker se vai distrair facilmente e comentar as pessoas em voz alta. Avisa-me para eu pedir desculpa às pessoas se acontecer, se o Tucker, por acaso, como ela acha, for rude.

Vão tantas pessoas no autocarro, e são todas tão diferentes, Olha, Theo, vê's?

Mas o Tucker sussurra-me, quando quer comentar, principalmente agora que temos o tempo contado. Agora o Tucker mal olha pela janela do autocarro e tudo. As ruas repetem-se, e ele, apesar da novidade, nada.

As pessoas mal podem imaginar o que eu e o Theo estamos a preparar, e se alguém dá pela nossa conversa talvez se assuste, imagino.

Digo ao Tucker que a mãe ficaria orgulhosa, ainda que a lógica seja um pouco estranha, admito. Não sei se o Tucker me entende. Pela primeira vez, penso no que a mãe irá pensar.

Por vezes, o Theo podia explicar-se melhor, só isso. É nesses momentos que fico a pensar, de novo, no que o homem disse.

O Tucker pergunta-me pelos planos. E eu pergunto-me se terão sido também as palavras que o amigo da mãe disse, que expliquei ao Tucker, da melhor maneira possível. As palavras afetaram-no, não sei explicar,

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

e sinto mesmo que cresceu um pouco, na maneira como reage e exige, mais confiante, respostas minhas.

O homem contou-nos a sua história, mas também nos falou das nossas intenções. Foi assim que ele disse. Ele disse, O que significa crescer numa época de crise? Nessa noite, já tarde na cama, muito depois de a mãe se ter ido deitar e de a luz se ter apagado, não conseguimos dormir, e eu perguntei ao Theo, O que é que o homem quis dizer? Mas no fundo eu sabia. O Theo também.

Repito os nossos planos ao Tucker. Mais tarde ou mais cedo ele entende. E depois, pela noite, agora que a noite cai cedo, de volta a casa, com a mãe já no quarto e com a casa às escuras e tudo, recolhemos o material necessário. Se o fizermos peça a peça, a mãe não vai dar por nada.

Olha, Theo, estamos quase lá!

E o Tucker ajeita-se no assento e fica muito atento, como um animal à caça na pradaria, como os animais no computador. Ele está à procura do cruzamento certo.

Estou à procura do cruzamento certo: rua 42, rua 43, rua 44... É onde há mais polícia.

Do autocarro, não conseguimos ver o edifício, mas o Tucker não desiste.

Talvez haja um ângulo, digo ao Theo, mas nada. Theo, daqui não dá para ver...

Mal o autocarro passa aqueles dois ou três quarteirões, voltamos aos nossos esquemas e discutimos as nossas opções. Vamos ter de sair do autocarro, é isso, digo-lhe. O Tucker fica louco com a ideia e exclama, Vamos, já!

Mas o Theo diz, Ainda não, ainda não é tempo.

O Tucker amua, mais duas ou três ruas e passa. Depois os arranha-céus perdem tamanho, só um pouco, é sempre muito alto, e, por fim, as casas, mais baixas, que conhecemos, começam finalmente a aparecer.

Ficamos no autocarro mais paragens do que a mãe sabe. Depois, voltamos para casa a pé.

• • •

Almoçamos juntos, muito perto do edifício, eu, o Tucker, a mãe e o amigo dela. Basta caminhar dois ou três quarteirões na direção do rio para encontrar o edifício. Estarmos assim tão perto deixa-me nervoso, não gosto destes almoços, mas o amigo da mãe diz que não há muitos sítios onde almoçar decentemente aqui na área, diz que este café é uma boa opção. Se a mãe e o amigo dela soubessem... Ainda ontem eu e o Tucker estivemos aqui e tudo, outra vez, a mapear as ruas.

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

Será que o homem sabe?

O amigo da mãe olha-me com curiosidade, tento não desviar o olhar. Temos um segredo para guardar entre nós. Acho que a mãe não dá por nada, mas estou sentado ao lado dela e é-me difícil ver. Se pudesse, perguntava ao Tucker, do outro lado da mesa.

Será que o Theo lhe contou? Encosto-me ao homem e descanso a minha cabeça no seu braço. Somos amigos. É a minha estratégia, pelo menos.

O Tucker pisca-me um olho, discretamente, com um sorriso canino, como se aquela sedução fosse parte do plano. Se funcionar, tudo bem, mas tento abstrair-me dele.

É muito fácil. Enganamos o condutor do autocarro. Escondemo-nos no meio das pessoas que descem na 42, são sempre muitas a caminho da Grand Central, e como eu e o Theo somos pequenos o condutor não dá por nós. Depois caminhamos até ao rio, lado a lado, numa conversa inventada apenas para o disfarce.

É a parte favorita do Tucker. Tudo o que as outras pessoas veem são duas crianças com a mochila da escola às costas. Passamos a polícia de segurança nas ruas perto da Primeira Avenida sem problemas e tudo.

A polícia mal dá por nós!

MORRER NA AMÉRICA

E se alguém, por acaso, nos vê, estamos apenas a olhar para as Nações Unidas, só isso. Tiramos fotografias com os telemóveis, como os turistas que fazem fila, todos os dias, para entrar.

Assim tão perto, o prédio é ainda mais alto e a cidade está toda espelhada nele, Theo, estás a ver, quase dá para ver a ponta do Chrysler. Pergunto-me como será depois do ataque...

Não precisamos de entrar no prédio. Se precisássemos era só pedir ao amigo da mãe. A mãe gosta da ideia, quando falamos disso, mas o amigo da mãe não parece convencido.

O homem disse-nos que trabalha para salvar o ambiente, é um grupo especial dedicado só aos problemas do planeta, têm um andar só para eles no prédio, deve ser grande... Mas agora o homem está a contar à mãe que é praticamente só papelada, que é muito aborrecido.

O amigo da mãe queixa-se das conferências – é assim que ele diz –, quando o mundo todo se junta para ajudar a resolver o aquecimento global. Diz que sente não estar a fazer o suficiente, o suficiente por nós. É a história que está a contar à mãe. Não é muito diferente da história que nos contou, mas os objetivos são outros.

Quantos encontros é que já houve? O homem contou-nos, e o Theo depois mostrou-me no computador, mas eu esqueço-me, foram muitos e alguns são tão antigos...

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

Mas antes disso o amigo da mãe trabalhou no Iémen e no Paquistão. Tive de procurar, bem, a mãe mostrou-nos, no Google Maps, aqui mesmo no café.

Mostra, deixa ver!

Trabalhava com vigilância, satélites, diz que mapeava minas terrestres, a mãe teve de nos explicar – o Tucker até ficou um pouco chocado com aquela história das minas. Depois o amigo da mãe pediu para ser transferido. Saber de satélites ajudou. Acho que foi assim que a mãe e ele se conheceram, a mãe estava a pesquisar o clima para o trabalho dela, e ele, quando a conheceu, aproveitou a oportunidade.

• • •

O diretor executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente deixa o edifício das Nações Unidas e caminha ao longo das filas de carros parados no parque de estacionamento que dá diretamente sobre o rio. É uma manhã de primavera, bem cedo. O East River corre livremente, agora que o gelo já derreteu. Ele abre a porta do carro e senta-se no lugar do condutor. O assento é confortável, de couro. Ajusta-se perfeitamente ao peso do seu corpo. Fora do calendário das assembleias gerais, o diretor executivo recusa-se a ter um condutor privado. Fecha a porta, e os vidros fumados separam-no do nosso mundo. Liga a ignição. O motor arranca e sibila por meio segundo – tempo o suficiente para se notar que é um carro elétrico –

quando a bomba explode, lançando, sonoramente, detritos de automóvel pelo parque de estacionamento, pelo jardim das traseiras e pela entrada da Nações Unidas, alguns dos quais atingindo a fachada de vidro, enquanto outros mergulham, lançados no East River. Algumas janelas racham e quase cedem. É assim que imagino acontecer. Soa-te bem, Tucker? Ele responde, Sim, mais ou menos. Mas o Tucker vê o caso de outra maneira:

O diretor das Nações Unidas para o Ambiente deixa o edifício rodeado de gorilas vestidos com fato e gravata. Juntos, esperam na rotunda pelos carros, todos pretos e à prova de bala. A bandeira das Nações Unidas agita-se ao vento, junto com as bandeiras de todos os países do mundo. A fonte luminosa borbulha. Por fim, uma fila de carros aproxima-se e contorna a rotunda, devagar, muito devagar. É difícil saber à partida se armadilhámos o carro certo. Os gorilas abrem a porta de trás do carro que vem no meio da fila. O diretor entra e os gorilas fecham a porta atrás dele. O assento é confortável, de couro. O ar condicionado está ligado, e o interior do carro tem um cheiro artificial, borrachoso. O temporizador está ligado. A fila de automóveis, pretos e à prova de bala, mal tem tempo de avançar. A bomba explode, o tejadilho do carro voa disparado em direção ao céu, os pneus descem em chamas pela rotunda, estão pedaços de vidro fumado cravados nos painéis do edifício, estilhaços de alumínio espalhados pelo átrio. Digo ao Theo, É mais assim.

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

E o amigo da mãe? pergunto-lhe, e o Tucker responde, O homem está a trabalhar à secretária quando as Nações Unidas estremecem como se um terramoto atacasse Nova Iorque. As janelas aguentam o impacto, mas os candeeiros agitam-se, ferozes, e pilhas de documentos burocráticos caem e cobrem a carpete. A carpete é azul, como as bandeiras. O Tucker diz, O homem está em choque, sentado, entre outros colegas do meio ambiente, meio virado para a primavera lá fora. Eu digo-lhe que duvido, para mais existem regras para estas situações, no máximo imagino um pânico controlado, e acrescento, Os trabalhadores recuam para o interior do edifício. O Tucker responde, Não, os trabalhadores apressam-se, curiosos, às janelas, junto com o homem. Digo-lhe que não faz sentido, mas deixo-o continuar, e ele diz, Lá de cima dá para ver, o pavimento está em chamas, com rachas que vão quase até à entrada do prédio. Metal torcido é tudo o que resta de pelo menos uma dúzia de automóveis, em diferentes processos de metabolismo sob o intenso calor. E, depois, a parte favorita do Tucker. Um fumo motorizado, negro profundo, ondula pelo ar e alcança por fim as largas janelas, expelindo partículas industriais da massa de vapor em vagas sucessivas. As partículas de nevoeiro colam-se, atraídas magneticamente, aos vidros, e o dia escurece, artificial. No escuro, apanhado pela surpresa que lhe causámos, o homem mal pode acreditar que nós, de facto, o fizemos. Por entre os destroços, o Tucker não se esquece de dizer, Encontraram, meio queimado, um recorte de jornal. Os rumores dizem que era um *cartoon* da New Yorker.

MORRER NA AMÉRICA

Chegaram ao entardecer, mas a noite caía rápido sobre nós. Conseguíamos escutar as sirenes a aproximar-se. As sirenes pareciam trazer a cidade toda atrás de si. Olhávamos pela janela à espera deles. O Theo disse, Não pensei que demorassem tanto tempo.

O Tucker, apesar de tudo o hiperativo, estava extático, e nada assustado. Saltou do sofá e apressou-se a ir até à porta, abrindo-a bruscamente, pequenos passos a espreitar pela entrada do prédio. Depois desapareceu.

Fui à procura da polícia. Conseguia escutá-los a subir pelas escadas do prédio. Eram como uma manada, mas quanto mais escutava mais os seus passos me pareciam o som de animais mecânicos.

Por uns instantes, fez-se silêncio. A mãe não se mexia, não sabia o que fazer. Pegou no telemóvel e começou a falar alto, descontroladamente – talvez fosse o pai, talvez fosse o amigo da mãe, naquele momento pouco interessava quem –, e, pareceu-me, a mãe estava a filmar tudo.

Finalmente, apareceram. Eram tantos, enormes, com armas de guerra, capacetes e óculos gigantes. Se o Theo não me tivesse avisado, podia jurar que eram robôs. Pegaram em mim num só movimento e arrastaram-me de volta para dentro de casa.

Quando a polícia entrou pela porta, traziam o Tucker debaixo do braço.

O LIMITE DAS BOAS INTENÇÕES

O Theo não ofereceu qualquer resistência, o que é que ele ia fazer contra eles – em vez disso, resistiu contra os braços da mãe, que o tentava proteger. A mãe estava rendida, de joelhos.

Os berros do Tucker eram como balas, faziam ricochete pelo apartamento e tudo. Era tudo tão excitante para ele, uma tal recompensa. Ele expressava a fúria.

Pouco depois, estávamos todos na rua. Ainda aqui estamos – mas falta a mãe. Pergunto ao Theo, Achas que vai demorar muito? Mas o Theo não responde.

Estamos sentados no meio da confusão. A rua está bloqueada ao trânsito por colunas de carros militares, ocupada por mais polícias em uniforme.

Os carros são gigantes como os polícias. As luzes não param de girar, cobrem as paredes dos prédios com tons de vermelho e azul, digo ao Theo, sem que nos escutem, É bonito.

É hipnótico, e o Tucker tem razão, é também estranhamente bonito. Mas as sirenes fazem muito barulho e começa a doer. O Tucker tem as mãos nos ouvidos. A polícia tirou as nossas impressões digitais, e consigo ver alguns borrões nas orelhas do Tucker, no pescoço.

Também picaram os nossos dedos por sangue, não doeu. O Theo disse para eu ser forte, a mãe também,

antes de desaparecer – e eu fui forte. O Theo diz que são provas de ADN.

Confrontado com o equipamento pesado da polícia, aquelas câmaras que eles trazem aos ombros, aqueles dispositivos todos, eles conseguem ver dentro de nós e tudo, reproduzir-nos, de uma ponta à outra, nos seus arquivos, eu sei.

Se eu olhar por cima dos ombros dos polícias, consigo ver os vizinhos a espreitar por trás das cortinas. Quero acenar-lhes, mas o Theo não deixa. Ele segura as minhas mãos. As mãos do Theo estão suadas. Olho para ele e ele está a olhar em redor, alerta, o que estará ele a pensar?

O Tucker cresceu tanto, tão rápido. Pergunto-me se a mãe consegue ver isso. Onde é que a mãe está? Perdemo-la, talvez há uns vinte minutos. Para onde a terão levado? Para onde é que nos vão levar? Somos apenas duas crianças.